



Revista Iberoamericana de Diagnóstico y Evaluación - e
Avaliação Psicológica

ISSN: 1135-3848

ISSN: 2183-6051

bgoncalves@psicologia.ulisboa.pt

Associação Iberoamericana de Diagnóstico e Avaliação
Psicológica
Portugal

Baião-Traguedo, Tânia; Vieira-Santos, Salomé; Narciso, Isabel;
Tomás da Silv, José; Januário, Dulcineia; Relvas, Ana Paula
Questionário de Estilos e Dimensões Parentais: Validação Preliminar no Contexto Angolano
Revista Iberoamericana de Diagnóstico y Evaluación - e Avaliação
Psicológica, vol. 3, núm. 56, 2020, Julio-Septiembre, p. 171
Associação Iberoamericana de Diagnóstico e Avaliação Psicológica
Portugal

Disponibile en: <https://www.redalyc.org/articulo.oa?id=459664450014>

- Cómo citar el artículo
- Número completo
- Más información del artículo
- Página de la revista en redalyc.org

redalyc.org

Sistema de Información Científica Redalyc

Red de Revistas Científicas de América Latina y el Caribe, España y Portugal
Proyecto académico sin fines de lucro, desarrollado bajo la iniciativa de acceso
abierto

Questionário de Estilos e Dimensões Parentais: Validação Preliminar no Contexto Angolano

Parenting Styles and Dimensions Questionnaire: Preliminary Validation in the Angolan Context

Tânia Baião-Traguedo¹, Salomé Vieira-Santos², Isabel Narciso³, José Tomás da Silva⁴, Dulcineia Januário⁵ e Ana Paula Relvas⁶

Resumo

Os estilos educativos parentais representam uma dimensão central na área da parentalidade. Contudo, carece-se de instrumentos que os avaliem na população angolana. Neste estudo, apresentam-se os resultados da validação preliminar (validade fatorial e convergente, e fiabilidade) da versão portuguesa do Questionário de Estilos e Dimensões Parentais no contexto angolano. Participaram no estudo 258 indivíduos angolanos, mães e pais de crianças em idade escolar (6-12 anos). A estrutura original de três fatores (32 itens - estilos autoritativo, autoritário e permissivo) foi replicada através da análise fatorial confirmatória, embora somente os dois primeiros tenham revelado uma boa fiabilidade (.83 e .76, respetivamente). Os resultados sugerem a adequação da versão portuguesa modificada do QDEP para o contexto angolano, designadamente para fins de investigação. O seu uso para fins clínicos carece de estudos psicométricos mais aprofundados.

Palavras-chave: estilos parentais, QDEP, estudo de validação, propriedades psicométricas, população angolana

Abstract

Parenting educational styles represent a central dimension in the area of parenting. However, there is a lack of instruments to assess parenting styles in the Angolan population. This study presents the results of the preliminary validation (factorial and convergent validity and reliability) of the Portuguese version of the Parenting Styles and Dimensions Questionnaire for the Angolan context. The study comprised 258 Angolan mothers and fathers of school-aged children (6-12 years). The original three-factor structure (32 items - authoritative, authoritarian and permissive styles) was replicated through confirmatory factor analysis, although only the first two revealed good reliability (.83 and .76, respectively). The results suggest that the modified Portuguese version of the PSDQ is suitable for the Angolan context, namely for research purposes. Its use for clinical purposes requires further psychometric studies.

Keywords: parenting styles, PSDQ, validation study, psychometric properties, Angolan population

¹ Aluna de Doutoramento da Faculdade de Psicologia e de Ciências da Educação da Universidade de Coimbra. Rua do Colégio Novo, 3001-802 Coimbra, Portugal. E-mail: tania_baiao@yahoo.com.br (correspondência)

² Faculdade de Psicologia, Universidade de Lisboa, Portugal. E-mail: svsantos@psicologia.ulisboa.pt

³ Faculdade de Psicologia da Universidade de Lisboa, Portugal. E-mail: inarciso@psicologia.ulisboa.pt

⁴ PhD, Professor Associado da Faculdade de Psicologia e de Ciências da Educação da Universidade de Coimbra, Portugal. E-mail: jtsilva@fpce.uc.pt

⁵ Aluna de Doutoramento da Faculdade de Psicologia e de Ciências da Educação da Universidade de Coimbra, Portugal. E-mail: ddunguladecarvalho@yahoo.com.br

⁶ PhD; Prof. Catedrática da Faculdade de Psicologia e de Ciências da Educação da Universidade de Coimbra, Portugal. E-mail: aprelvas@fpce.uc.pt

Introdução

Estilos Educativos Parentais

A qualidade da relação pais-filhos é determinante para o desenvolvimento cognitivo e socio-emocional das crianças (e.g., Desjardins, Zelenski, & Coplan, 2008; Kashdan et al., 2004; Latouf & Dunn, 2010; Önder & Gülay, 2009). Neste domínio, o estudo dos estilos e práticas parentais tem vindo a despertar um interesse crescente em diferentes culturas, dado o seu papel na compreensão do comportamento normativo e desviante de crianças e adolescentes (Cummings, Davies, & Campbell, 2000), avaliando-se os seus efeitos no desenvolvimento e ajustamento (e.g., Baumrind, 1966, 1971; Cova et al., 2019; Cummings et al., 2000; Darling & Steinberg, 1993; Mandara & Murray, 2002; Nyarko, 2011; Tavassolie, Dudding, Madigan, Thorvardarson, & Winsler, 2016).

No entanto, para melhor se compreender a especificidade da influência parental no ajustamento da criança, é importante diferenciar práticas e estilos parentais. Darling e Steinberg (1993) distinguiram os dois conceitos, contribuindo para alterar a tendência para o uso indiferenciado que ainda hoje se observa na literatura sobre a parentalidade. Segundo estes autores, as práticas parentais são definidas como “comportamentos específicos orientados pelos objetivos, através dos quais os pais desempenham os seus deveres parentais” (p. 492). Por sua vez, os estilos parentais são definidos como “uma constelação de atitudes face à criança que lhe são comunicadas e que, no seu conjunto, criam um clima emocional em que os comportamentos parentais são expressos” (Darling & Steinberg, 1993, p. 488). A investigação sugere que as práticas parentais têm um impacto direto no ajustamento e bem-estar da criança, ao passo que os estilos parentais exercem uma influência indireta (e.g., Caron, Weiss, Harris, & Catron, 2006; Darling & Steinberg, 1993), sendo entendidos como variáveis do contexto familiar que influenciam a eficácia das práticas educativas (Darling & Steinberg, 1993).

No estudo dos estilos educativos parentais, emergiram duas abordagens principais, a tipológica e a dimensional, centrando-se o presente estudo na primeira, uma vez que está

subjacente à construção do instrumento agora estudado, para além de apresentar, segundo alguns autores, uma maior validade ecológica (Caron et al., 2006; O'Connor, 2002; Pereira, 2009). Acresce que a abordagem tipológica é também uma das mais utilizadas para avaliar o impacto da relação pais-filhos no desenvolvimento e socialização destes. Nesta abordagem, os estilos educativos são tratados como uma variável nominal, permitindo distinguir grupos de pais mutuamente exclusivos (e.g., Hart, Newell, & Olsen, 2003), já que os pais são classificados com base em dimensões comportamentais e interativas específicas que, quando combinadas entre si, permitem definir os diferentes estilos educativos (e.g., Parke & Buriel, 1998).

A abordagem tipológica ou configuracional de Diana Baumrind (1966, 1971, 1991) tem sido amplamente referenciada na literatura das últimas décadas, permitindo uma análise multidimensional apropriada para o estudo da parentalidade (e.g., Henry, Tolan, & Gorman-Smith, 2005; Mandara, 2003). A autora definiu três estilos parentais principais, a partir da combinação das dimensões afeto e controlo parental (Baumrind, 1967, 1971, 1991): o autoritário, o autoritativo e o permissivo.

No estilo autoritário, os pais apresentam um elevado nível de controlo e de exigência de maturidade, níveis baixos de afeto, de responsividade e de clareza na forma de comunicar (Baumrind, 1967; ver também Hart et al., 2003). Os pais são geralmente inflexíveis críticos e rígidos, esperam que as regras sejam cumpridas sem explicações ou negociações, restringindo deste modo a autonomia e a manifestação da individualidade da criança; a punição é aceite como um meio para restringir a vontade da criança, e não existe valorização do diálogo devido ao elevado grau de exigência e controlo parental (Baumrind, 1966, 1971, 1991, 2005).

Relativamente ao estilo autoritativo, os pais apresentam um elevado nível de controlo comportamental, mas reconhecem os direitos dos filhos e são afetuosos e apoiantes, explicam as ordens que dão à criança e quando esta não as quer aceitar solicitam-lhe que explique os seus motivos (Baumrind, 1966). A par de controlarem o comportamento da criança, os pais têm em

consideração as suas necessidades e desejos, e são responsivos, estabelecendo exigências adequadas de maturidade (Baumrind, 1971, 1991).

Finalmente, os pais com um estilo permissivo revelam um nível elevado de afeto mas baixo de controlo e exigências de maturidade, permitindo à criança comportar-se de acordo com os seus desejos e impulsos; esta postura tolerante e aceite dos desejos e comportamento da criança, a par do evitamento do exercício da autoridade e da colocação de limites, pode conduzir a sobreproteção e a excessiva dependência da criança (Baumrind, 1966, 1971, 1991; ver também Simons & Conger, 2007).

O estilo parental autoritativo tem sido considerado o mais adaptativo, já que tem conduzido a melhores resultados para a criança, designadamente em termos do comportamento e da relação com pares, associando-se, por exemplo, com níveis mais elevados de competência social, incluindo comportamento pro-social e interações positivas com os pares, e níveis mais baixos de comportamento agressivo e delinquência (e.g., Bornstein, 2002; Checa & Abundis-Gutierrez, 2017; Collins & Steinberg, 2006; Houlberg, Sheffield, Cui, Henry, & Criss, 2016; Kuppens & Ceulemans, 2019; Mandara & Murray, 2002; Querido, Warner, & Eyberg, 2002; Sahithya, Manohari, & Vijaya, 2019; Smetana, 2017). Este estilo tem sido enquadrado na parentalidade positiva, tornando-se central para a sua operacionalização (ver Carpenter & Mendez, 2013). Contudo, alguns autores alertam para que o benefício preponderante do estilo autoritativo pode ter subjacente um enviesamento metodológico, já que os dados correspondentes decorrem, sobretudo, de amostras com pais caucasianos e de classe média/alta (e.g., Lamborn, Mounts, Steinberg, & Dornbusch, 1991; Ruiz-Hernández, Moral-Zafra, Llor-Esteban, & Jiménez-Barbero, 2019; Spera, 2005).

A avaliação dos estilos parentais tem sido realizada com o recurso a diversas metodologias como entrevistas e observação naturalista das interações pais-filhos, contudo, os questionários de autorrelato continuam a ser a metodologia mais utilizada (ver Canavarro & Pereira, 2007; Weber, Salvador, & Brandemburgo, 2006). O *Parenting Styles and Dimensions Questionnaire* (PSDQ; Robinson, Mandleco, Olsen, & Hart, 2001) é um

instrumento que tem sido muito utilizado internacionalmente. Em Portugal, diversos autores contribuíram para o seu estudo, designadamente através de uma versão de Cruz e colaboradores (Campos & Cruz, 2011; Santos & Cruz, 2008), outra de Miguel, Valentim, e Carugati (2009) e uma mais recente de Pedro, Carapito, e Ribeiro (2015), que foi a utilizada no presente estudo. Apenas as duas últimas recorreram à análise fatorial confirmatória, obtendo-se suporte para uma estrutura fatorial semelhante à estrutura original de três fatores. Acresce que, mais recentemente, um estudo de Martins et al. (2018) usou este tipo de análise aplicada à versão de Miguel et al. (2009), encontrando igualmente suporte para a estrutura original do PSDQ.

A versão de Pedro et al. (2015) seguiu os critérios internacionais para a tradução de instrumentos para uma cultura diferente da de origem e demonstrou propriedades psicométricas adequadas.

Parenting Styles and Dimensions Questionnaire (PSDQ)

Versão original

O PSDQ (Robinson et al., 2001) constitui a versão reduzida (com 32 itens) do *Parenting Practices Questionnaire* (PPQ; Robinson et al., 1995), com 62 itens, construído com base na tipologia e conceptualização dos estilos parentais autoritário, autoritativo e permissivo propostos por Baumrind (1966, 1967, 1971). A amostra original incluiu 1251 pais (534 pais e 717 mães), maioritariamente caucasianos, residentes no estado norte-americano do Utah com filhos em idade pré-escolar e escolar. O PSDQ replicou a estrutura fatorial tripartida do PPQ, salientando-se que, para cada uma das três dimensões gerais reveladas pela análise fatorial, foram, ainda, identificadas subescalas específicas – estilo autoritário (Coerção Física, Hostilidade Verbal e Punição), estilo autoritativo (Ligação, Regulação e Autonomia) e estilo permissivo, que não inclui subescalas (Robinson et al., 2001). Os estudos psicométricos do PSDQ permitiram identificar uma consistência interna (alfa de Cronbach) boa a aceitável, especificamente .86, .82 e .64, respetivamente para as dimensões correspondentes aos estilos autoritativo, autoritário e permissivo (Robinson et al., 2001).

Quadro 1. Características Sociodemográficas dos Participantes

Caraterísticas	<i>n</i>	%
Sexo		
Masculino	128	49.6
Feminino	130	50.4
Faixa etária		
18 - 28	17	6.6
29 - 38	125	48.4
39 - 48	83	32.2
49 - 58	29	11.2
Escolaridade		
5 - 6 anos	5	2.0
7 - 9 anos	7	2.7
10 - 12 anos	49	19.2
Frequência Universitária	45	17.6
Ensino Superior/ Pós-graduação	149	58.4
Estado Civil		
Casado	147	57.0
União de facto / coabitação	111	43.0
NSE		
NSE Baixo	12	4.7
NSE Médio	200	77.5
NSE Elevado	46	17.8
Área de Residência		
Huíla	143	55.4
Benguela / Lobito	27	10.5
Cunene	38	14.7
Namibe	38	14.7
Huambo	12	4.7
Situação Profissional		
Empregado/a	238	93.3
Desempregado/a	14	5.5
Reformado/a	2	0.8
Pensionista por invalidez	1	0.4
Religião		
Não crente	6	2.3
Crente e praticante	218	84.8
Crente e não praticante	33	12.8

Nota. NSE = Nível Socioeconómico

O PSDQ foi considerado, num artigo de revisão de literatura sobre instrumentos que avaliam práticas parentais (Locke & Prinz, 2002), como um dos poucos instrumentos com boas características psicométricas, designadamente em termos de consistência interna. Como se referiu, este instrumento tem vindo a ser utilizado no contexto internacional, e foi adaptado para utilização em diversos países como, para além de Portugal, o Brasil (Oliveira et al., 2018), a China (Wu et al., 2002), a Turquia (Önder & Gülay, 2009), a Lituânia (Jonyniene & Kern, 2012), Israel (Yafee, 2018) e Irão (Morowatisharifabad et al., 2016), tendo sido ainda estudado na Nova Zelândia com uma amostra de mães Coreanas imigrantes (Lee & Brown, 2018). No entanto, a estrutura fatorial original não tem obtido confirmação em todas as culturas.

Versão portuguesa

O Questionário de Estilos e Dimensões Parentais (QDEP) corresponde à adaptação do PSDQ (Robinson et al., 2001) para a população portuguesa, realizada por Pedro et al. (2015), com base numa amostra de 2081 indivíduos, pais ($n=996$) e mães ($n=1085$) com filhos entre os 3 e os 15 anos de idade.

Na população portuguesa, o instrumento apresenta características psicométricas equivalentes às da versão original, tendo sido replicada a estrutura com três fatores (autoritativo, autoritário e permissivo) e alcançaram-se níveis de consistência interna satisfatórios para os três estilos parentais. O QDEP revelou igualmente características apropriadas em termos de validade convergente e divergente (Pedro et al., 2015).

O presente estudo visa a validação preliminar da versão portuguesa do QDEP de Pedro et al. (2015) para o contexto angolano, avaliando-se as suas propriedades psicométricas (validade fatorial, convergente e consistência interna). Pretende-se, de igual modo, contribuir para uma melhor compreensão dos estilos parentais de pais e mães angolanos, domínio da parentalidade ainda pouco investigado em Angola.

Método

Participantes

Os participantes deste estudo foram 258 adultos angolanos, mães ($n=130$) e pais ($n=128$) de crianças em idade escolar (6-12 anos). As idades variavam entre os 18 e os 58 anos, com uma média de 38.09 anos ($DP=7.59$). No Quadro 1 apresentam-se as características sociodemográficas dos participantes. A maioria habitava na província da Huíla, era casada, frequentava o ensino superior/pós-graduação e estava empregada. No que respeita à religião, a maior parte dos participantes era crente e praticante. Para a caracterização do nível socioeconómico (NSE), foi utilizada uma classificação adaptada à realidade angolana (e.g., Guerreiro, 2012). Assim, foi calculada uma pontuação com base nas respostas dos participantes a um conjunto de questões (com diferentes níveis de resposta e classificação), incluídas no questionário sociodemográfico, que contemplam os seguintes parâmetros: área de

residência, tipo e características da habitação, eletrodomésticos e conforto, e fonte de rendimento. O NSE decorre de uma pontuação total, considerando a seguinte classificação: 4 a 12 “baixo”; 13 a 17 “médio”; 18 a 22 “alto” (e.g., Guerreiro, 2012). De acordo com esta classificação, no presente estudo, a maioria dos participantes tinha um nível socioeconómico médio (ver Quadro 1).

Procedimentos

A amostra foi recolhida no âmbito de um projeto mais amplo sobre Parentalidade e Conjugalidade em amostras de etnia africana que está a ser realizado no sul de Angola. A recolha decorreu nas províncias da Huíla, Namibe, Cunene, Huambo e Benguela/Lobito.

Os critérios de inclusão foram os seguintes: (a) ter idade igual ou superior a 18 anos; (b) ter nacionalidade angolana e residir em Angola; (c) não estar a receber qualquer tipo de acompanhamento psicológico; (d) ter pelo menos um/a filho/a com idade compreendida entre os 6 e os 12 anos.

A participação no estudo foi voluntária, tendo sido garantida a confidencialidade e o anonimato. Todos os participantes assinaram um termo de consentimento informado após terem sido informados sobre o estudo (e.g., objetivos, procedimento, normas éticas). A amostra é de conveniência, tendo o recrutamento sido realizado através da rede de contactos (informais e profissionais) da primeira e da quinta autoras. Antes da aplicação da versão portuguesa do QDEP à amostra angolana ela foi testada num grupo restrito de indivíduos com vista a se captar a compreensibilidade dos itens (redação e conteúdo), não tendo surgido dificuldades a este nível.

Instrumentos

Questionário Sociodemográfico. Trata-se de um questionário breve que visa a obtenção de informação sociodemográfica a partir de um conjunto de questões que inquiram, por exemplo, sobre o sexo, a idade, a escolaridade, o estado civil, o local de residência e a situação profissional.

Questionário de Estilos e Dimensões Parentais (QDEP). O QDEP constitui, como se

referiu antes, uma versão portuguesa do *Parenting Styles and Dimensions Questionnaire* - PSDQ (Robinson et al., 2001), desenvolvida por Pedro et al. (2015). É um instrumento de autorrelato que avalia os estilos parentais de pais e mães de crianças (e adolescentes) que, na versão portuguesa, têm idades compreendidas entre os 3 e os 15 anos. É constituído por 32 itens, com uma escala de resposta de tipo *Likert* de 5 pontos (de 1 “*Nunca*” a 5 “*Sempre*”). Os itens distribuem-se por três escalas, correspondentes aos estilos Autoritativo, Autoritário e Permissivo, integrando cada uma delas várias subescalas. Resultados mais elevados em cada escala refletem um uso mais frequente de cada um dos estilos.

A escala relativa ao estilo parental Autoritativo (com 15 itens) compreende as subescalas Ligação (e.g., “elogio o meu filho quando ele se comporta bem”), Regulação (e.g., “explico ao meu filho os motivos por que deve cumprir as regras”) e Autonomia (e.g., “encorajo o meu filho a expressar-se livremente mesmo quando ele não concorda comigo”), cada uma delas com 5 itens. A escala correspondente ao estilo autoritário (com 12 itens) inclui as subescalas Coerção Física (e.g., “castigo fisicamente o meu filho para o disciplinar”), Hostilidade Verbal, (e.g., “quando o meu filho se comporta mal falo alto ou grito”) e Punição (e.g., “castigo o meu filho retirando-lhe privilégios, com poucas ou nenhuma explicação”), cada uma com 4 itens. A escala referente ao estilo permissivo é composta por 5 itens e não inclui subescalas (e.g., “eu cedo quando o meu filho faz birra”).

A versão portuguesa do QDEP revelou uma consistência interna boa a satisfatória (Nunnally & Bernstein, 1994) para os três estilos: Autoritativo ($\alpha=.86$), Autoritário ($\alpha=.75$), Permissivo ($\alpha=.63$).

Escala de Avaliação da Comunicação na Parentalidade (COMPA - P). A escala COMPA - P (versão pais) (Portugal & Alberto, 2014) é um instrumento de autorrelato que tem como objetivo avaliar a perceção dos progenitores e dos filhos sobre a comunicação que mantêm entre si. Foi incluída neste estudo com vista a se testar a validade convergente da versão angolana do QDEP.

Esta escala é constituída por 42 itens distribuídos por cinco fatores: Expressão do Afeto

e Apoio Emocional (12 itens; e.g., “preocupo-me com os sentimentos do meu filho”); Disponibilidade Parental para a Comunicação (8 itens; e.g., “sinto-me satisfeito com as conversas que tenho com o meu filho”); Meta-comunicação (8 itens; e.g., “tento compreender o ponto de vista do meu filho”); Confiança/Partilha Comunicacional de Progenitores para Filhos (7 itens; e.g., “Sinto que posso confiar no meu filho”); Confiança/Partilha Comunicacional de Filhos para Progenitores (7 itens; e.g., “o meu filho vem conversar comigo quando tem alguma dúvida ou preocupação”). As respostas são dadas numa escala de tipo *Likert* com 5 níveis (de 1 “*Nunca*” a 5 “*Sempre*”). Quanto mais elevada for a pontuação, melhor será a perceção que os pais têm sobre a comunicação parento-filial na dimensão específica. No presente estudo, foi utilizado apenas o resultado relativo à subescala Disponibilidade Parental para a Comunicação que, na versão Portuguesa, revelou apresentar uma boa consistência interna ($\alpha=.84$).

Esta escala já foi usada em contexto angolano e apresentou uma consistência interna elevada para a escala total, com um alfa de Cronbach de .94 (Carvalho, 2015).

Análise de Dados

As análises estatísticas deste estudo foram realizadas com recurso aos programas informáticos IBM SPSS *Statistics* (versão 22) e IBM SPSS AMOS (versão 22).

No que diz respeito à amostra recolhida, foram encontrados sete casos com dados omissos (2.71%), tendo-se optado por os excluir do estudo uma vez que a sua remoção não afetava a realização das análises planeadas. O uso do método *listwise* é viável para situações similares às observadas nesta amostra, ou seja, quando apenas uma pequena proporção de participantes tem valores omissos em qualquer uma das variáveis. Com esta alteração, a amostra inicial, que era composta por 265 indivíduos, ficou reduzida a 258 sujeitos.

Foram realizadas análises descritivas visando a caracterização dos itens quanto à tendência central e variabilidade (estimando-se as médias e desvios-padrão) e quanto à forma da distribuição das respostas aos itens (assimetria e curtose).

As propriedades psicométricas do QDEP foram

subsequentemente aprofundadas através de um exame da (a) validade estrutural das respostas, nomeadamente recorrendo-se a análise fatorial confirmatória; (b) fidelidade – estimando a consistência interna das respostas (coeficiente alfa de Cronbach), e (c) validade convergente dos resultados, estimando-se as correlações (coeficiente de correlação de Pearson) dos valores derivados das escalas do QDEP com a subescala Disponibilidade Parental para a Comunicação do COMPA-P.

Resultados

Estudo Descritivo

A análise descritiva dos 32 itens do QDEP encontra-se no Quadro 2, onde são apresentados os valores para a média, desvio-padrão, assimetria e curtose. Os resultados mostram que os participantes usam todas as opções de resposta oferecidas no QDEP, com as médias dos itens situando-se entre 1.61 e 4.16. O item 5 (“Explico ao meu filho como me sinto quando ele se comporta bem e quando se comporta mal”) é aquele que apresenta uma média mais elevada ($M=4.16$; $DP=.98$) e o item 28 (“Castigo o meu filho, deixando-o sozinho e dando-lhe poucas explicações”) o que obteve a média mais baixa ($M=1.61$; $DP=.93$). Quanto à assimetria, constata-se que na maioria dos casos os coeficientes estão dentro do intervalo ± 1 ; o item 28 (com um coeficiente de assimetria de 1.64) é o que apresenta um maior desvio de zero (assimetria). Em termos do grau de achatamento da distribuição (i.e., curtose), a maioria dos coeficientes situa-se dentro do intervalo ± 1 , sendo novamente o item 28 o que revela maior desvio de zero, com um coeficiente de curtose de 2.26. Todavia, considerando a magnitude de ambos os coeficientes examinados, podemos concluir que a distribuição das respostas nos itens não se afasta pronunciadamente da normalidade na amostra estudada, uma vez que os valores absolutos observados, tanto no caso da assimetria como da curtose, não são superiores a 3 ou a 10, respetivamente, ou seja, os coeficientes observados na presente amostra estão aquém dos limiares que habitualmente são usados para sinalizar problemas de inconformidade com o pressuposto da normalidade (Kline, 2005).

Quadro 2. Médias, desvios-padrão, assimetria e curtose dos Itens do QDEP

Item	M	DP	Assi.	Curt.	Item	M	DP	Assi.	Curt.
Item 1	3.72	1.20	-.59	-.87	Item 17	2.35	1.09	.62	-.50
Item 2	1.70	.70	.76	.39	Item 18	3.27	1.21	-.06	-1.11
Item 3	3.00	1.14	.25	-.86	Item 19	1.87	.88	1.25	1.34
Item 4	2.34	1.25	.81	-.35	Item 20	2.31	1.03	.87	.23
Item 5	4.16	.98	-1.08	.49	Item 21	3.85	1.13	-.69	-.64
Item 6	1.99	.88	1.19	2.01	Item 22	3.41	1.28	-.27	-1.17
Item 7	3.82	1.15	-.67	-.65	Item 23	4.14	1.18	-1.17	.34
Item 8	1.92	1.07	1.03	.24	Item 24	1.78	1.04	1.47	1.75
Item 9	3.51	1.21	-.38	-.98	Item 25	4.03	1.06	-.94	.05
Item 10	1.79	1.09	1.33	.91	Item 26	1.95	1.10	1.06	.31
Item 11	3.84	1.15	-.83	-.23	Item 27	4.06	1.12	-1.11	.28
Item 12	3.93	1.16	-.86	-.35	Item 28	1.61	.93	1.64	2.26
Item 13	2.70	1.15	.37	-.78	Item 29	3.98	.99	-.80	-.04
Item 14	4.11	1.12	-1.17	.36	Item 30	3.95	1.06	-.79	-.35
Item 15	1.95	1.02	.84	-.09	Item 31	4.08	1.09	-1.03	.04
Item 16	1.71	.89	1.28	1.38	Item 32	1.90	.85	1.10	1.52

Análise Fatorial Confirmatória

A estrutura tri-fatorial do QDEP foi avaliada por meio de uma análise fatorial confirmatória (AFC) e a estimação dos parâmetros foi realizada pelo método maximum likelihood (ML). Embora o ajustamento dos dados ao modelo possa ser aferido por um teste estatístico formal da discrepância entre a verdadeira estrutura de variâncias-covariâncias e a implicada pelo modelo, este teste (qui-quadrado) é hoje em dia considerado excessivamente rigoroso dado o seu poder para detetar discrepâncias triviais entre o modelo proposto e a realidade, pelo que a prática corrente contempla a avaliação de outros indicadores de ajustamento (e.g., Schumacker & Lomax, 2016). Neste estudo calcularam-se os índices de qui-quadrado relativo/normalizado, a raiz do resíduo quadrático médio (SRMR) e a raiz do erro quadrático médio de aproximação (RMSEA). No primeiro caso valores em torno de 2.0 ou inferiores são considerados bons, o mesmo acontecendo para valores inferiores a .08 para a SRMR e RMSEA, considerando-se muito bons se forem inferiores a .05 (e.g., Kline, 2005). O modelo de teste inicial tri-fatorial aplicado à amostra angolana apresentou um ajustamento comparável ao reportado por Pedro et al. (2015) para a população Portuguesa: $\chi^2(456, N=258) = 919.91, p < .001, \chi^2/df = 2.02, RMSEA = .06, IC 90\% [.06, .07], SRMR = .08$.

Os coeficientes de regressão estandardizados dos itens nos fatores de 1ª ordem variaram entre .23 e .74 ($M = .50, DP = .12$) e, excetuando um caso (item 30 do fator de Hostilidade verbal), todos apresentaram valores com probabilidade inferior a

.001. Os coeficientes de regressão estandardizados nos fatores de 2ª ordem variaram entre .79 e .94 (estilo Autoritativo) e .68 e .99 (estilo Autoritário). As correlações entre os três estilos parentais foram de -.24 (Autoritativo vs. Permissivo), -.54 (Autoritativo vs. Autoritário) e .95 (Autoritário vs. Permissivo).

O exame subsequente dos índices de modificação (IM) mostrou que se poderia melhorar substancialmente a qualidade de ajustamento do modelo, permitindo a regressão dos itens 23 e 30 no fator de Regulação (estilo Autoritativo). Estes itens teoricamente seriam indicadores do fator Hostilidade verbal (pertencente ao estilo Autoritário), mas os participantes percecionam-nos como fatores de regulação positiva do comportamento dos filhos (e.g., item 23: “Repreendo e critico o meu filho para o bem dele”; item 30: “Repreendo ou critico o meu filho quando ele não se comporta como nós esperamos”). O exame mais detalhado de outros IM e do conteúdo dos respetivos itens levou ainda a especificar a covariância entre os erros de medição dos seguintes itens: 17 e 20 (ambos indicadores do estilo Permissivo), 6 e 10, 16 e 26, 23 e 30 (todos indicadores do estilo Autoritário) e dos itens 23 e 29 (indicadores dos fatores Hostilidade e Regulação, dos estilos Autoritário e Autoritativo, respetivamente).

Com base na re-estimação do modelo anteriormente apresentado, obtiveram-se indicadores de ajustamento mais adequados do modelo aos dados dos que os encontrados para o modelo inicial: $\chi^2(450, N=258) = 766.87, p < .001, \chi^2/df = 1.70, RMSEA = .05, IC 90\% [.05, .06], SRMR = .07$. Como

Quadro 3. Coeficientes Estandarizados (CE) e Não Estandarizados (CNE) do QDEP (modelo final)

Itens	CE	CNE	Itens	CE	CNE
Item 1	.49	1.00	Item 17	.32	.81
Item 2	.55	1.00	Item 18	.53	1.16
Item 3	.49	1.00	Item 19	.45	1.14
Item 4	.33	1.00	Item 20	.30	.71
Item 5	.62	1.00	Item 21	.72	1.47
Item 6	.66	1.50	Item 22	.55	1.26
Item 7	.59	1.16	Item 23	.54	.98
Item 8	.41	1.00	Item 24	.50	1.19
Item 9	.45	.98	Item 25	.62	1.08
Item 10	.60	1.57	Item 26	.61	1.63
Item 11	.44	.82	Item 27	.49	.95
Item 12	.53	1.05	Item 28	.57	1.28
Item 13	.44	1.00	Item 29	.66	1.07
Item 14	.47	.90	Item 30	.57	.98
Item 15	.40	.93	Item 31	.57	1.01
Item 16	.65	1.16	Item 32	.58	1.30

os dois modelos em causa estão aninhados, calculou-se a diferença entre ambos tendo-se comprovado que o modelo reespecificado apresenta um melhor ajustamento aos dados: $\Delta\chi^2(6)=153.04, p<.001$.

Os valores dos coeficientes estandarizados e não estandarizados do QDEP modificado são apresentados no Quadro 3. Os coeficientes de regressão estandarizados dos itens nos fatores de 1ª ordem variam entre .30 e .72 ($M=.52, DP=.10$) e todos eles são estatisticamente significativos ($p<.001$). Ademais, as cargas fatoriais nos fatores de 2ª ordem são elevadas, variando entre .75 (Coerção Física e estilo Autoritário) e .97 (Punição e estilo Autoritário) (ver Figura 1). Finalmente, as intercorrelações entre os estilos educativos principais são fortes a moderadas: .94 (Autoritário vs. Permissivo), -.47 (Autoritário vs. Autoritativo) e -.27 (Permissivo vs. Autoritativo).

Estudos de Precisão

Uma vez decidido quais os itens que integram cada dimensão dos estilos educativos da versão angolana, analisou-se a consistência interna das três dimensões encontradas através do coeficiente alfa de Cronbach. Assim, a escala correspondente ao estilo parental autoritativo apresenta uma consistência interna boa ($\alpha=.83$). O mesmo pode comprovar-se para a escala relativa ao estilo parental autoritário (incluindo apenas 10 itens uma vez que os itens 23 e 30 foram excluídos deste fator, passando a integrar o fator correspondente ao estilo autoritativo) que apresenta uma consistência satisfatória ($\alpha=.76$) (De Vellis, 2012). Por último, a escala relativa ao

estilo parental permissivo apresenta uma consistência interna muito baixa ($\alpha=.50$). Apesar disso, verificámos que as correlações item-total corrigidas (i.e., excluindo o próprio item) foram sempre superiores a .30 ($.47>r's>.73$), o que indica um bom poder discriminativo dos itens retidos (Wilmut, 1975) e uma boa relação de cada item com o resultado global. Estes resultados sugerem que a baixa consistência interna observada para a subescala do estilo Permissivo pode dever-se ao seu pequeno tamanho, mais do que à qualidade dos itens. De facto, a aplicação da fórmula preditiva de Spearman-Brown revela que a duplicação do número de itens ($k=10$) elevaria o valor do alfa para .67, uma cifra próxima do limiar tecnicamente aceite para definir um nível de fiabilidade adequado (Nunnally & Bernstein, 1994).

Validade Convergente

Para averiguar a validade convergente do QDEP, procedeu-se à análise das correlações entre as escalas depuradas do QDEP (autoritativo, autoritário e permissivo), e a subescala do COMPA-P (disponibilidade parental para a comunicação).

Todas as correlações foram estatisticamente significativas e baixas e/ou moderadas quanto ao tamanho do efeito. Assim, o resultado total da subescala do COMPA-P está associado de forma estatisticamente significativa ao estilo autoritativo do QDEP ($r=.49, p<.001; r^2=24\%$); os estilos autoritário e permissivo apresentaram correlações moderadas negativas com o total da subescala do COMPA-P ($r=-.27, p<.001; r^2=7\%$ e $r=-.23, p<.001; r^2=5\%$, respetivamente).

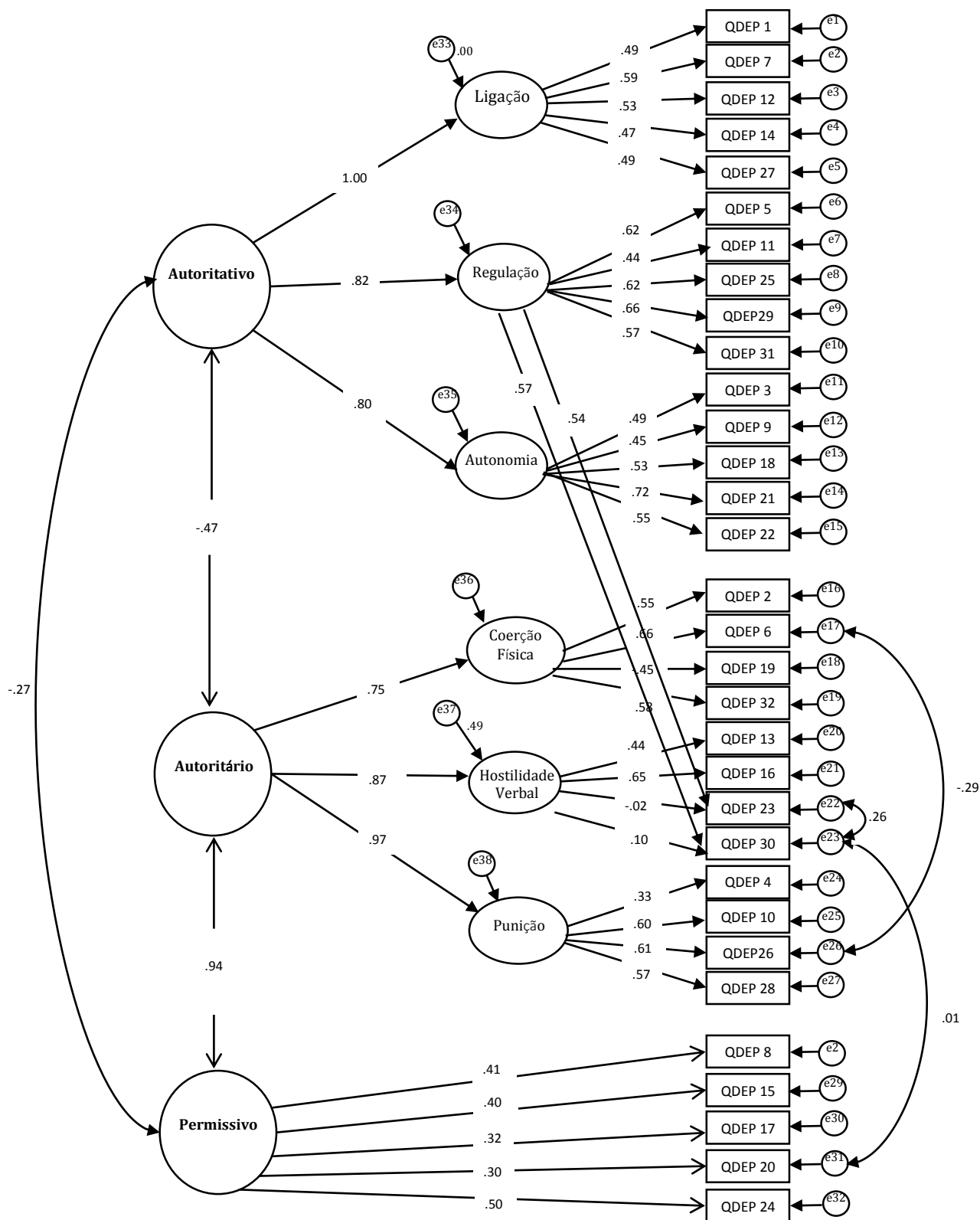


Figura 1. Índices de ajustamento para o modelo reespecificado

Discussão

Os estilos educativos parentais constituem um conceito central na área da parentalidade e do desenvolvimento da criança e dos adolescentes. Apesar disso, tanto quanto é do conhecimento dos

autores deste artigo, nenhuma medida foi validada anteriormente em Angola para a avaliação dos estilos educativos parentais. Este estudo teve como objetivo colmatar esta lacuna através da validação de uma versão portuguesa do PSDQ para o contexto angolano, designada Questionário

de Estilos e Dimensões Parentais (QDEP; Pedro et al., 2015), testando-se quer a sua validade (estrutural e convergente), quer a sua fiabilidade (estatísticas dos itens e consistência interna). A análise dos resultados mostrou que esta escala permite avaliar razoavelmente os três estilos parentais da escala original (autoritativo, autoritário e permissivo) no contexto angolano, isto embora os valores do alfa de Cronbach do estilo parental permissivo estejam aquém dos limites consensualmente aceites, contrariamente aos estilos autoritativo e autoritário - ambos com uma boa consistência e com estimativas de validade convergente promissoras. O instrumento apresenta, assim, características psicométricas, em termos de fiabilidade, um pouco diferentes das versões portuguesa de Pedro et al. (2015) e norte-americana (Robinson et al., 2001), uma vez que, nestas versões, o estilo permissivo apresentou valores de fiabilidade superiores (.63 e .64, respetivamente), ainda que mais baixos do que os obtidos para os outros dois estilos, tendência que, aliás, também foi observada no presente estudo. Uma hipótese plausível para o fraco comportamento desta subescala pode residir no pequeno número de itens que comporta.

No que diz respeito aos resultados da AFC, a estrutura original tri-fatorial (fatores autoritativo, autoritário e permissivo) foi identificada na amostra angolana, replicando, assim, a estrutura proposta pelos autores do QDEP e da versão portuguesa da escala de Pedro et al. (2015). No entanto, para se obter um ajustamento aceitável dos dados ao modelo, foi preciso introduzir algumas modificações ao modelo inicial. Em particular, permitiu-se que os termos de erros de alguns itens correlacionassem e os itens 23 e 30, incluídos por Robinson et al. (2001) na subescala Hostilidade Verbal (estilo autoritário), foram incluídos como indicadores do estilo autoritativo e, mais especificamente, da subescala Regulação. Esta alteração é semelhante à efetuada no modelo português por Pedro et al. (2015). Além disso, embora a reconfiguração fosse sugerida com base em dados estatísticos (e.g., índices de modificação) procurou-se efetuar apenas as alterações que podiam também ser justificadas do ponto de vista conceptual. A existência de covariação entre alguns erros de itens, por exemplo, pode dever-se à sobreposição dos seus

conteúdos semânticos e, por essa via, ter contribuído para diminuir a capacidade discriminativa dos respondentes. Por outro lado, razões de natureza cultural poderão estar igualmente subjacentes aos resultados encontrados. Com efeito, pode especular-se que os pais e mães angolanos interpretem a repreensão e a crítica aos seus filhos (subjacente ao conteúdo dos itens 23 e 30) a partir de uma perspectiva construtiva, enquanto práticas características de um estilo parental autoritativo, definido pelo estabelecimento de padrões firmes de controlo do comportamento dos filhos, regras de conduta apropriadas e exigências adequadas de maturidade (Baumrind, 1971, 1991) e não como práticas negativas associadas à hostilidade verbal características de um estilo autoritário.

Por sua vez, os resultados referentes à consistência interna garantem a precisão das escalas referentes aos estilos autoritativo e autoritário e, em contrapartida, realçam a presença de valores menos satisfatórios de consistência interna no estilo permissivo, como se referiu acima, não abonatórios da utilização desta dimensão em contexto angolano, embora Robinson e colaboradores (Robinson, Mandelco, Olsen, & Hart, 1996) apontassem os estilos parentais como construções estáveis a partir de uma perspectiva multicultural.

É possível que o estilo parental permissivo não seja frequente entre pais angolanos, tal como também se verificou, por exemplo, num estudo realizado na Itália em que foi utilizada uma versão do PSDQ com 40 itens (Tagliabue, Olivari, Bacchini, Affuso, & Confalonieri, 2014). Os autores deste estudo concluíram que o construto precisa ser melhor definido e operacionalizado. Além do mais, o padrão permissivo poderá não ser prevalente em etnias ou grupos socioeconómicos específicos, como o sugerem outros estudos que não encontraram suporte empírico para este estilo em amostras afro-americanas (Mandara & Murray, 2002) e mexicano-americanas (Gorman-Smith, Tolan, Henry, & Florsheim, 2000) com um nível socioeconómico baixo. Acresce que tem sido igualmente referido que este estilo poderá não ser apropriado no caso de populações asiáticas, pois é raro em tais culturas, não tendo sido, por isso, incluído em estudos que avaliam os estilos

parentais (e.g., Chen, Dong, & Zhou, 1997; Lee & Brown, 2018; Wu et al., 2002). É ainda possível que a redação de alguns itens da escala relativa ao estilo permissivo possa suscitar dúvidas em termos de interpretação já que, por exemplo, o item 8 - “acho difícil disciplinar o meu filho” – poderá não definir propriamente uma atitude permissiva por parte dos pais, mas remeter antes para uma dificuldade sentida por estes no controlo do comportamento dos filhos.

Na linha do resultado do presente estudo, refira-se que vários autores identificaram o estilo permissivo como apresentando níveis de fiabilidade considerados baixos (Alizadeh, Applequist, & Coolidge, 2007; Haycraft & Blissett, 2010; Önder & Gülay, 2009), incluindo no contexto português com variações entre .56 (Martins et al., 2018) e .63 (Miguel et al., 2009; Pedro et al., 2015). Um estudo de meta-análise (Olivari, Tagliabue, & Confalonieri, 2013), que aponta no mesmo sentido dos anteriores, conclui que o estilo permissivo apresenta níveis baixos de consistência interna tanto nos EUA e Canadá, como noutros países (Austrália, Índia, Lituânia, África do Sul, Tailândia, Turquia, Reino Unido), ainda que neste estudo de meta-análise os resultados se reportassem à versão do PSDQ com 62 itens. Deve ser tido igualmente em conta que, como se referiu antes, o menor número de itens desta escala poderá contribuir para índices mais baixos de consistência interna (Cronbach, 1951).

Ainda no âmbito da consistência interna, o resultado referente ao estilo parental autoritário vai na linha de outros reportados em estudos com diferentes versões do instrumento, que também identificaram uma consistência satisfatória (e.g., Jonyniene & Kern, 2012; Lee & Brown, 2018; Önder & Gülay, 2009), a qual é extensível à versão portuguesa utilizada (Pedro et al., 2015). Relativamente ao estilo parental autoritativo, o nível de consistência interna obtido enquadra-se na tendência dos resultados de estudos realizados em diferentes países, em que se verifica igualmente uma boa consistência interna para este estilo (e.g., Jonyniene & Kern, 2012; Morowatisharifabad et al., 2016; Önder & Gülay, 2009), o que também se aplica à versão portuguesa subjacente ao presente estudo (Pedro et al., 2015) e à escala original (Robinson et al., 2001).

Por último, os resultados relativos à validade

convergente estão de acordo com o esperado. Recorde-se que para o estudo desta validade foi utilizada a subescala “disponibilidade parental para a comunicação” do COMPA-P (Portugal & Alberto, 2014), dimensão que diz respeito à capacidade parental para responder às questões colocadas pelos filhos, procurando o equilíbrio entre a abertura comunicacional e a privacidade. Especificamente, os resultados mostraram que a disponibilidade parental para a comunicação se relacionou positivamente com o estilo autoritativo e negativamente com o autoritário e o permissivo. Assim, os pais que recorrem mais ao estilo autoritativo são os que apresentam maior disponibilidade para comunicarem com os filhos, o que é expectável considerando as características de maior abertura comunicacional, melhor relação e trocas verbais mais encorajadoras características do estilo autoritativo (e.g., Bornstein & Zlotnik, 2008; Maccoby, 1992). O resultado é congruente com outros encontrados na literatura, sugestivos de que os pais autoritativos (face aos autoritários e permissivos) adotam estratégias mais eficazes de comunicação com os filhos, desenvolvem uma comunicação aberta e incentivam o diálogo (e.g., Bornstein & Zlotnik, 2008; Endicott & Liossis, 2005; Sarwar, 2016). Por sua vez, face ao estilo autoritário, os resultados indicaram que os pais que recorrem mais a este estilo apresentam uma menor disponibilidade para a comunicação com a criança (e.g., não valorizam o diálogo com os filhos). Tal é concordante com a literatura onde se salienta que, quando os pais são autoritários, a comunicação é diretiva e ineficaz (e.g., Endicott & Liossis, 2005), e geralmente unilateral e reprobatória, não sendo os filhos incentivados a expressarem-se livremente (e.g., Nunes, Luís, Lemos, & Ochoa, 2015).

Vantagens, Limitações e Estudos Futuros

Este estudo contribui para o desenvolvimento da investigação no âmbito da parentalidade, designadamente no contexto angolano, ao dar suporte à utilização de um instrumento que avalia os estilos parentais, agora adaptado a esta cultura. Ele colmata, assim, uma lacuna constatada pelos investigadores e profissionais angolanos que trabalham com famílias.

Embora o presente estudo constitua um contributo importante para a adaptação do QDEP

para a população angolana, importa referir algumas limitações do mesmo. Em primeiro lugar, a amostra utilizada, apesar de ter uma dimensão considerável, é de conveniência, logo não é representativa da população angolana. Em segundo lugar, a percepção dos pais e das mães não foi considerada de forma separada/independente, não permitindo, por isso, avaliar a (in)consistência dos estilos educativos reportados por ambos. Em terceiro lugar, a precisão do instrumento foi analisada de forma restrita. Estudos futuros deverão dar resposta a estas limitações, designadamente pela inclusão de amostras de maior dimensão e representativas, bem como pela realização de análises da invariância das percepções pais-mães. Seria igualmente desejável proceder à avaliação da estabilidade temporal do instrumento (método teste-reteste). Ainda neste âmbito, deverá aprofundar-se o estudo das suas qualidades psicométricas em termos da validade convergente e averiguar a validade discriminante.

Para além das sugestões antes apontadas, em futuros estudos seria pertinente contemplar grupos de pais e de mães de crianças com outros níveis etários (e.g., idade pré-escolar e adolescentes), bem como indivíduos a viverem em diferentes regiões geográficas de Angola, dada a diversidade intracultural existente no país. Acresce que seria igualmente pertinente considerar as percepções dos próprios filhos sobre os estilos educativos parentais. Por fim, teria todo o interesse o desenvolvimento de um estudo transcultural da versão angolana do QDEP, em diferentes contextos étnico-culturais africanos, que permitisse avaliar a consistência da estrutura encontrada.

A versão angolana do QDEP pode ser útil em contextos de investigação e, eventualmente, ao nível da prática clínica com famílias, carecendo-se, contudo, de estudos com amostras clínicas que validem esta última utilização.

Referências

- Alizadeh, H., Applequist, K. F., & Coolidge, F. L. (2007). Parental self-confidence, parenting styles, and corporal punishment in families of ADHD children in Iran. *Child Abuse & Neglect*, 31, 567-572.
- Baumrind, D. (1966). Effects of authoritative parental control on child behavior. *Child Development*, 37(4), 887-907. doi:10.1111/j.1467-8624.1966.tb05416.x
- Baumrind, D. (1967). Child care practices anteceding three patterns of preschool behaviour. *Genetic Psychology Monographs*, 75, 43-88.
- Baumrind, D. (1971). Current patterns of parental authority. *Developmental Psychology Monographs*, 4(1), 1-103. doi:10.1037/h0030372
- Baumrind, D. (1991). Parenting styles and adolescent development. In J. Brooks-Gunn, R. Lerner, & A. C. Petersen (Eds.), *The encyclopedia on adolescence* (pp. 746-758). New York: Garland.
- Baumrind, D. (2005). Patterns of parental authority and adolescent autonomy. *New Directions for Child and Adolescent Development*, (108), 61-69. doi:10.1002/cd.128
- Bornstein, M. H. (2002). Parenting infants. In M. H. Bornstein (Ed.), *Handbook of parenting: Children and parenting* (2nd ed., Vol. 1, pp. 3-43). Mahwah, NJ: Erlbaum.
- Bornstein, M. H., & Zlotnik, D. (2008). Parenting styles and their effects. In M. M. Haith & J. B. Benson (Eds.), *Encyclopedia of Infant and Early Childhood Development* (Vol. 2, pp. 496-509). New York, NY: Elsevier.
- Campos, D., & Cruz, O. (2011). Questionário de Estilos Parentais (QEP) revisitado. In A. S. Ferreira, A. Verhaeghe, D. R. Silva, L. S. Almeida, R. Lima, & S. Fraga (Eds.), *Actas do VIII Congresso Iberoamericano de Avaliação/evaluación Psicológica e XV Conferência Internacional Avaliação Psicológica: Formas e Contextos* (pp. 1641-1654). Lisboa: Sociedade Portuguesa de Psicologia.
- Canavarro, M. C., & Pereira, A. I. F. (2007). A percepção dos filhos sobre os estilos parentais educativos: A versão portuguesa do EMBU-C. *Revista Iberoamericana de Diagnóstico y Evaluación – e Avaliação Psicológica*, 2(24), 193-210.
- Caron, A., Weiss, B., Harris, V., & Catron, T. (2006). Parenting behavior dimensions and

- child psychopathology: Specificity, task dependency, and interactive relations. *Journal of Clinical Child and Adolescent Psychology*, 35(1), 34-45. doi:10.1207/s15374424jccp3501_4
- Carpenter, J. L., & Mendez, J. (2013). Adaptive and challenged parenting among African American mothers: Parenting profiles relate to Head Start children's aggression and hyperactivity. *Early Education & Development*, 24(2), 233-252. doi:10.1080/10409289.2013.749762
- Carvalho, T. B. N. (2015). Estudo da influência da comunicação entre pais e filhos no funcionamento familiar numa amostra de Angola (Dissertação de Mestrado não publicada). Faculdade de Psicologia e de Ciências da Educação, Universidade de Coimbra, Coimbra.
- Checa, P., & Abundis-Gutierrez, A. (2017). Parenting and temperament influence on school success in 9-13 year olds. *Frontiers in Psychology*, 8, 543. <https://doi.org/10.3389/fpsyg.2017.00543>
- Chen, X., Dong, X. Q., & Zhou, H. (1997). Authoritative and authoritarian parenting practices and social and school performance in Chinese children. *International Journal of Behavioral Development*, 21(4), 855-874.
- Collins, W. A., & Steinberg, L. (2006). Adolescent development in interpersonal context. In N. Eisenberg, W. Damon, & R. M. Lerner (Eds.), *Handbook of child psychology: Social, emotional, and personality development* (pp. 1003-1067). Hoboken, NJ, US: John Wiley & Sons.
- Cova, F., Bustos, C., Rincón, P., Grandón, P., Saldivia, S., & Inostroza, C. (2019). Propiedades psicométricas de una forma breve del Cuestionario de Parentalidad Alabama en familias de preescolares Chilenos. *Revista Iberoamericana de Diagnóstico y Evaluación – e Avaliação Psicológica*, 51(2), 33-42. <https://doi.org/10.21865/RIDEP51.2.03>
- Cronbach, L. (1951). Coefficient alpha and the internal structure of tests. *Psychometrika*, 16(3), 297. doi:10.1007/BF02310555
- Cummings, M., Davies, P., & Campbell, S. (2000). *Developmental psychopathology and family process: Theory, research and clinical implications*. New York: Guilford Press.
- Darling, N., & Steinberg, L. (1993). Parenting style as context: An integrative model. *Psychological Bulletin*, 113(3), 487. doi.org/10.1037/0033-2909.113.3.487
- Desjardins, J., Zelenski, J. M., & Coplan, R. J. (2008). An investigation of maternal personality, parenting styles, and subjective wellbeing. *Personality and Individual Differences*, 44, 587-597. doi:10.1016/j.paid.2007.09.020
- De Vellis, R. F. (2012). *Scale development: Theory and applications* (3rd ed.). Thousand Oaks: Sage.
- Endicott, R., & Liossis, P. (2005). Australian adolescents' perceptions of their parents. *Youth Studies Australia*, 24(2), 24-31.
- Gorman-Smith, D., Tolan, P. H., Henry, D. B., & Florsheim, P. (2000). Patterns of family functioning and adolescent outcomes among urban African American and Mexican American families. *Journal of Family Psychology*, 14(3), 436-457.
- Guerreiro, C. L. (2012). Impacto das variáveis sociodemográficas e familiares no funcionamento familiar, avaliado pelo Score-15: Estudo exploratório numa amostra angolana não-clínica. *Revista Angolana de Ciência*, 1(1), 36-43.
- Hart, C. H., Newell, L. D., & Olsen, S. F. (2003). Parenting skills and social-communicative competence in childhood. In J. O. Greene & B. R. Burleson (Eds.), *Handbook of communication and social interaction skills* (pp. 753-797). Mahwah, NJ, US: Lawrence Erlbaum Associates.
- Haycraft, E., & Blissett, J. (2010). Eating disorder symptoms and parenting styles. *Appetite*, 54(1), 221-224. doi:10.1016/j.appet.2009.11.009
- Henry, D. B., Tolan, P. H., & Gorman-Smith, D. (2005). Cluster analysis in family psychology research. *Journal of Family Psychology*, 19(1), 121-132. <https://doi.org/10.1037/0893-3200.19.1.121>
- Houlberg, B. J., Sheffield Morris, A., Cui, L., Henry, C. S., & Criss, M. M. (2016). The role of youth anger in explaining links between parenting and early adolescent prosocial and antisocial behavior. *Journal of Early Adolescence*, 36(3), 297-318. doi:

- 10.1177/0272431614562834
- Jonyniene, J., & Kern, R. M. (2012). Individual psychology lifestyles and parenting style in Lithuanian parents of 6-to 12-year-olds. *International Journal of Psychology*, 11, 89-117. <https://doi.org/10.7220/1941-7233.11.5>
- Kashdan, T. B., Jacob, R. G., Pelham, W. E., Lang, A. R., Hoza, B., Blumenthal, J. D., & Gnagy, E. M. (2004). Depression and anxiety in parents of children with ADHD and varying levels of oppositional defiant behaviors: Modeling relationships with family functioning. *Journal of Clinical Child and Adolescent Psychology*, 33(1), 169-181. doi:10.1207/S15374424JCCP3301_16
- Kline, R. B. (2005). *Principles and practice of structural equation modeling* (2nd ed). New York: Guilford Press.
- Kuppens, S., & Ceulemans, E. (2019). Parenting styles: A closer look at a well-known concept. *Journal of Child & Family Studies*, 28(1), 168-181. <https://doi.org/10.1007/s10826-018-1242-x>
- Lamborn, S. D., Mounts, N. S., Steinberg, L., & Dornbusch, S. M. (1991). Patterns of competence and adjustment among adolescents of authoritative, authoritarian, indulgent, and neglectful families. *Child Development*, 62, 1049-1065. doi:10.1111/j.1467-8624.1991.tb01588.x
- Latouf, N., & Dunn, M. (2010). Parenting styles affecting the social behaviour of five-year olds. *Journal of Psychology in Africa*, 20(1), 109-112. doi:10.1080/14330237.2010.10820350
- Lee, B., & Brown, G. T. L. (2018). Confirmatory factor analysis of the Parenting Styles and Dimensions Questionnaire (PSDQ) in a sample of Korean immigrant parents in New Zealand. *Current Psychology*, 1(13). <https://doi.org/10.1007/s12144-018-9896-5>
- Locke, L. M., & Prinz, R. J. (2002). Measurement of parental discipline and nurturance. *Clinical Psychology Review*, 22, 895-930. doi:10.1016/S0272-7358(02)00133-2
- Maccoby, E. E. (1992). The role of parents in the socialization of children: An historical overview. *Developmental Psychology*, 28(6), 1006-1017. <https://doi.org/10.1037/0012-1649.28.6.1006>
- Mandara, J. (2003). The typological approach in child and family psychology: A review of theory, methods, and research. *Clinical Child and Family Psychology Review*, 6(2), 129-146.
- Mandara, J., & Murray, C. (2002). Development of an empirical typology of African American family functioning. *Journal of Family Psychology*, 16(3), 318-337. doi:10.1037/0893-3200.16.3.318
- Martins, C., Ayala-Nunes, L., Nunes, C., Pechorro, P., Costa, E., & Matos, F. (2018). Confirmatory analysis of the Parenting Styles and Dimensions Questionnaire (PSDQ) short form in a portuguese sample. *European Journal of Education and Psychology*, 11(2), 77-91. doi:10.30552/ejep.v11i2.223
- Miguel, I., Valentim, J. P., & Carugati, F. (2009). Questionário de Estilos e Dimensões Parentais – Versão Reduzida: Adaptação portuguesa do Parenting Styles and Dimensions Questionnaire – Short Form. *Psychologica*, (51), 169-188. doi:http://dx.doi.org/10.14195/1647-8606_51_11
- Morowatisharifabad, M. A., Khankolabi, M., Gerami, M. H., Fallahzade, H., Mozaffari-khosravi, H., & Seadatee-Shamir, A. (2016). Psychometric properties of the Persian version of Parenting Style and Dimensions Questionnaire: Application for children's health-related behaviors. *International Journal of Pediatrics*, 4(9), 3373-3380. <https://doi.org/10.22038/ijp.2016.7318>
- Nunes, C., Luís, K., Lemos, I., & Ochoa, G. M. (2015). Características psicométricas da versão portuguesa da Escala de Socialização Parental na Adolescência ESPA-29. *Psicologia: Reflexão e Crítica*, 28(2), 253-260. <http://doi.org/10.1590/1678-7153.201528205>
- Nunnally, J. C., & Bernstein, I. H. (1994). *Psychometric theory* (3rd ed.). New York: McGraw-Hill Higher.
- Nyarko, K. (2011). The influence of authoritative parenting style on adolescents' academic achievement. *American Journal of Social and Management Sciences*, 2(3), 278-282. <https://doi.org/10.5251/ajsms.2011.2.3.278.28>

- O'Connor, T. G. (2002). Annotation: The "effects" of parenting reconsidered: The findings, challenges and applications. *Journal of Child Psychology and Psychiatry*, 43(5), 555-572. doi:10.1111/1469-7610.00046
- Olivari, M. G., Tagliabue, S., & Confalonieri, E. (2013). Parenting Style and Dimensions Questionnaire: A review of reliability and validity. *Marriage & Family Review*, 49(6), 465-490. doi:10.1080/01494929.2013.770812
- Oliveira, T. D., Costa, D. de S., Albuquerque, M. R., Malloy-Diniz, L. F., Miranda, D. M., & de Paula, J. J. (2018). Cross-cultural adaptation, validity, and reliability of the Parenting Styles and Dimensions Questionnaire-Short Version (PSDQ) for use in Brazil. *Brazilian Journal of Psychiatry*, 40(4), 410-419. <https://doi.org/10.1590/1516-4446-2017-2314>
- Önder, A., & Gülay, H. (2009). Reliability and validity of Parenting Styles & Dimensions Questionnaire. *Procedia - Social and Behavioral Sciences*, 1(1), 508-514. doi:10.1016/j.sbspro.2009.01.092
- Parke, R. D., & Buriel, R. (1998). Socialization in the family: Ethnic and ecological perspectives. In W. Damon & N. Eisenberg (Eds.), *Handbook of child psychology: Social, emotional, and personality development* (pp. 463-552). Hoboken, NJ, US: John Wiley & Sons.
- Pedro, M. F., Carapito, E., & Ribeiro, T. (2015). Parenting Styles and Dimensions Questionnaire - versão portuguesa de auto-relato. *Psicologia: Reflexão e Crítica*, 28(2), 302-312. doi:10.1590/1678-7153.201528210
- Pereira, A. I. (2009). *Crescer em relação: Estilos parentais educativos, apoio social e ajustamento. Estudo longitudinal com crianças em idade pré-escolar*. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian.
- Portugal, A. M., & Alberto, I. M. (2014). Escala de Avaliação da Comunicação na Parentalidade (COMPA): Desenvolvimento e validação de uma medida da comunicação parento-filial. *Avances en Psicología Latinoamericana*, 32(1), 85-103. doi:10.12804/apl32.1.2014.06
- Querido, J. G., Warner, T. D., & Eyberg, S. M. (2002). Parenting styles and child behavior in African American families of preschool children. *Journal of Clinical Child & Adolescent Psychology*, 31(2), 272-277. <http://dx.doi.org/10.1207/153744202753604548>
- Robinson, C. C., Mandleco, B., Olsen, S. F., & Hart, C. H. (1995). Authoritative, authoritarian, and permissive parenting practices: Development of a new measure. *Psychological Reports*, 77, 819-830. doi:10.2466/pr0.1995.77.3.819
- Robinson, C. C., Mandelco, B. L., Olsen, S. F., & Hart, C. H. (August, 1996). *Psychometric support for a new measure of authoritative, authoritarian, and permissive parenting practices : Cross-cultural connections*. Paper presented at the Biennial Conference of the International Society for the Study of Behavioral Development, Quebec, Canada.
- Robinson, C., Mandleco, B., Olsen, S., & Hart, C. (2001). The parenting styles and dimensions questionnaire (PSDQ). In B. F. Perlmutter, J. Touliatos, & G. W. Holden (Eds.), *Handbook of family measurement techniques: Vol. 3. Instruments & Index* (pp. 319-321). Thousand Oaks, CA: Sage.
- Ruiz-Hernández, J. A., Moral-Zafra, E., Llor-Esteban, B., & Jiménez-Barbero, J. A. (2019). Influence of parental styles and other psychosocial variables on the development of externalizing behaviors in adolescents: A systematic review. *European Journal of Psychology Applied to Legal Context*, 11(1), 9-21. <https://doi.org/10.5093/ejpalc2018a11>
- Sahithya, B. R., Manohari, S. M., & Vijaya, R. (2019). Parenting styles and its impact on children – a cross cultural review with a focus on India. *Mental Health, Religion and Culture*, 22(4), 357-383. <https://doi.org/10.1080/13674676.2019.1594178>
- Santos, S., & Cruz, O. (2008). Questionário de Estilos Parentais. In A. P. Noronha, C. Machado, L. Almeida, M. Gonçalves, S. Martins, & V. Ramalho (Eds.), *Actas da XIII Conferência Internacional Avaliação Psicológica: Formas e Contextos* [CD]. Braga: Psiquilibrios.
- Sarwar, S. (2016). Influence of parenting style on children's behaviour. *Journal of Education and Educational Development*, 3(2), 222-249.

- doi: 10.22555/joeed.v3i2.1036
- Schumacker, R. E., & Lomax, R. G. (2016). *A beginner's guide to structural equation modeling* (4th ed.). New York, NY: Routledge.
- Simons, L. G., & Conger, R. D. (2007). Linking mother-father differences in parenting to a typology of family parenting styles and adolescent outcomes. *Journal of Family Issues*, 28(2), 212-241. doi:10.1177/0192513X06294593
- Smetana, J. G. (2017). Current research on parenting styles, dimensions, and beliefs. *Current Opinion in Psychology*, 15, 19–25. <https://doi.org/10.1016/j.copsyc.2017.02.012>
- Spera, C. (2005). A review of the relationship among parenting practices, parenting styles, and adolescent school achievement. *Educational Psychology Review*, 17(2), 125-146. doi:10.1007/s10648-005-3950-1
- Tagliabue, S., Olivari, M. G., Bacchini, D., Affuso, G., & Confalonieri, E. (2014). Measuring adolescents' perceptions of parenting style during childhood: Psychometric properties of the Parenting Styles and Dimensions Questionnaire. *Psicologia: Teoria e Pesquisa*, 30(3), 251-258.
- Tavassolie, T., Dudding, S., Madigan, A. L., Thorvardarson, E., & Winsler, A. (2016). Differences in perceived parenting style between mothers and fathers: Implications for child outcomes and marital conflict. *Journal of Child and Family Studies*, 25(6), 2055- 2068. <https://doi.org/10.1007/s10826-016-0376-y>
- Weber, L., Salvador, A. P. V., & Brandenburg, O. J. (2006). Medindo e promovendo qualidade na interação familiar. Em H. Guilhardi & N. Aguirre (Orgs.) *Sobre comportamento e cognição: Expondo a variabilidade* (vol. 18, pp. 25-40). Santo André: Esetec.
- Wilmot, J. (1975). Objective test analyses: Some criteria for item selection. *Research in Education*, 13, 27-56.
- Wu, P., Robinson, C. C., Yang, C., Hart, C. H., Olsen, S. F., Porter, C. L., & Wu, X. (2002). Similarities and differences in mothers' parenting of preschoolers in China and the United States. *International Journal of Behavioral Development*, 26(6), 481-491. doi:10.1080/01650250143000436
- Yafee, Y. (2018). Convergent validity and reliability of the Hebrew version of the Parenting Styles and Dimensions Questionnaire (PSDQ) in Hebrew-speaking Israeli- Arab families. *Interpersona: An International Journal on Personal Relationships*, 12(2), 133-144. <https://doi.org/10.5964/ijpr.v12i2.303>